

Noticiário TORTUGA

ANO 47

NÚMERO 420

MAR/ABR/MAI 2001



SECA

Chegou a vez dos sais proteinados

Estendendo-se normalmente de maio a setembro na maior parte do Brasil Central, a seca se caracteriza por decréscimo na qualidade das pastagens, com aumento da fração fibrosa (lignificação) e diminuição dos teores de proteína, do valor energético e dos minerais, como fósforo, zinco, entre outros.

A seca é ainda mais drástica em função da menor disponibilidade de forragem, associada a uma forte redução do consumo de pasto pelos bovinos. As consequências são várias: perda de peso, atraso na idade de abate, menor fertilidade e longo período para a entrada do ciclo reprodutivo das novilhas.

Dentro deste difícil contexto, o que o pecuarista deve fazer para manter a produtividade da fazenda? A Tortuga pesquisou e desenvolveu produtos de custo/benefício comprovado específicos para a seca, que auxiliam o gado a atravessá-la em melhores condições corporais, sem prejuízos ao ganho de peso e na lucratividade da fazenda.

São os chamados proteinados, que contêm em suas fórmulas, além de

fontes de minerais sob a forma de quelatos, que auxiliam o desenvolvimento da flora ruminal, fontes de proteínas de origem vegetal de alto valor nutricional, uréia e fosfato bicálcico. São produtos que visam melhores respostas em ganho de peso e aumento de taxa de fertilidade.

Para os sais proteinados darem bons resultados, deve haver quantidade adequada de pastos, mesmos que secos, visto que o efeito principal desses produtos é o de aumentar o consumo da palhada seca, ou seja, produzir boi de capim, a grande vocação natural da nossa pecuária de corte.

O pecuarista deve estar atento à qualidade das matérias-primas usadas nos proteinados, assunto objeto de artigo na edição anterior deste Noticiário (O lado ruim das rações e protéicos). A Tortuga tem produtos comprovados no mercado e um experiente corpo técnico para levar essa tecnologia a seus clientes.

*Marcos Sampaio Baruselli
Zootecnista da Tortuga*

LANÇAMENTO

Antibiótico de ação prolongada

Já está no mercado o mais novo lançamento da Tortuga, a Tormicina LA, uma solução injetável de longa ação à base de oxitetraciclina. Uma só aplicação garante níveis terapêuticos prolongados, mas em casos de infecção grave é recomendável uma segunda dose após 72 horas da primeira aplicação.

Indicada para bovinos, suínos e ovinos, Tormicina LA resolve os problemas de manejo provocados com a administração de uma ou duas doses diárias das formulações convencionais. Oferece ainda respostas rápidas do tratamento, pois atinge picos plasmáticos logo após as primeiras horas da aplicação.

Agindo contra um grande número de microorganismos, o novo produto contém lidocaína para neutralizar a dor no local de aplicação. Tormicina LA: indispensável para o gado quando sua saúde corre risco.



Infestação de pastagens

“De interesse nacional a reportagem do Noticiário Tortuga sobre a infestação das pastagens por ervas invasoras por quem usa rações e protéticos. Se enumerarmos todos os itens que contribuem para uma “não pastagem”, não é só a vaca que vai ficar louca... mas a boiada inteira. Parabéns”

*I. Blanco, Sementes Naterra
Área Comercial SP/MG*

Fato Relevante

“Parabéns pelo texto sobre o Boi Verde (Fato Relevante) divulgado no Noticiário Tortuga 419. Conceitos consolidados e importantes como este, são exemplos da capacidade do agronegócio nacional em buscar um sistema viável para a realidade da pecuária de corte do Brasil”.

*Rural Links
www.rurallinks.com.br*

Vaca louca

O artigo “A vaca louca enloqueceu o mundo”, tem uma abordagem econômica muito bem colocada, porém cabe lembrar que do ponto de vista técnico (epidemiológico) existe, como em vários outros artigos sobre a BSE, um pouco de sensacionalismo.

O único ponto ainda muito grave da BSE é o fato de não se ter um diagnóstico para animais vivos e o período de incubação ser muito longo. Como transmissibilidade, é uma das doenças mais fáceis de serem controladas, pois a única via confirmada e de importância é a ingestão de ração feita a partir de animais doentes.

A via materna é uma realidade, mas é considerada pela OIE como sem importância epidemiológica. Deste jeito, proibindo-se a produção de ração com produtos de origem animal, você tende a manter a doença sobre completo controle. Cabe lembrar que zoonoses mais comuns, como brucelose, cisticercose, tuberculose, raiva, entre outras, matam muito mais

peças no mundo do que a BSE e causam muito mais danos econômicos.

Já nos “Resumo dos Fatos”, foi apresentada uma informação errada. O sêmen está proibido, considerando-se a BSE, somente no Brasil e na República Dominicana. Os outros países citados, principalmente, EUA, Austrália e Nova Zelândia, não proibiram a importação de sêmen de nenhum país da Europa, nem mesmo da Inglaterra.

O sêmen não é transmissor de BSE e é considerado pela OIE como livre para a comercialização, independentemente da situação do país com relação a BSE. Estes países atualmente estão proibindo a importação de sêmen dos países europeus pela febre aftosa, e mesmo assim do sêmen produzido depois dos focos originados na Inglaterra.

Caso houvesse risco de transmissibilidade, não só não importaríamos mais, como não comercializaríamos o sêmen importado nestes últimos anos. Cabe lembrar que um dos pontos que viabilizou muito o Programa do Boi Verde, foi o cruzamento industrial entre raças européias e o nosso zebú. A proibição de importação de sêmen da Europa com a desculpa da BSE, tem somente criado apreensão dos criadores que desenvolvem a genética européia aqui no Brasil e que fornecem os touros para grande parte dos pecuaristas que fazem o cruzamento.

Peço que seja esclarecida esta questão no próximo informativo, visto que ele tem uma enorme penetração e tem extrema influência entre os pecuaristas”.

*Paulo Zemella, veterinário diretor
da Semen zoo Brasil, membro da
Organização Brasileira das
Empresas Importadoras de Sêmen
da Europa (Obeise)*

Grife Boi Verde

“A edição 419 do Noticiário Tortuga está nota 10. O especial sobre a Vaca Louca nota 1000. Concordo plenamente que a hora do Brasil é agora. Faz-se necessário criar a grife

Boi Verde antes que a caravana passe. Vocês estão de parabéns. Faz menos de um ano que recebo o jornal é só tenho elogios a fazer. A qualidade do material é inexplicável.

Sou uma técnica em agropecuária que ainda não atuou na área porque estou fazendo pré-vestibular para medicina veterinária. Amigos, contuem assim. Um abraço do tamanho do RS, tchê !!

*Caroline M. Cavalcante
Campina das Missões, RS*

Plantas exóticas

“Gostei muito de conhecer e ler o Noticiário Tortuga, edição passada. Solicito, se possível, informações sobre os componentes nutritivos das plantas nativas e exóticas da nossa região, como albaroba, guandú, folha da mandioca e da batata, palha do milho, mororó, jurema, catigueira, e como fazer uma ração balanceada com estes elementos”.

*Marco Antonio G. da Silva
Arapiraca, AL*

Noticiário TORTUGA

Publicação Bimestral

Tortuga Cia. Zootécnica Agrária

Editor

João Castanho Dias

Circulação

Francisca Suriano Silva

Fotos

Walter Simões

Editoração Gráfica e Arte

Walter Simões

Tiragem

100 mil exemplares

Redação

Av. Bríg. Faria Lima, 2066

14º andar - CEP 01452-905

São Paulo - SP

Fone.: 11 3039-7700

Fax: 11 3816-6122

e-mail: noticiario@tortuga.com.br

TORTUGA

0800 116262

www.tortuga.com.br

Carne com a grife nelore



entre 16 e 19 arrobas e transformar a vantagem comparativa de carne magra do nelore em vantagem competitiva.

Esse conceito está sintetizado no slogan "Nelore best beef: baixo teor de gordura, alto teor de sabor", criado pela ACNB.

Após o evento, diretores e presidentes de associações regionais do nelore visitaram a fábrica de suplementos minerais da Tortuga, em Mairinque, como mostra a foto.

O grupo esteve composto por Zacarias Azevedo Junior, Jurgen Feischer, Antonio Machado Fernandes e Norberto Machado Salim (Associação dos Criadores de Nelore de Tocantins), José Ramalho de Lima (Associação Rondoniense dos Criadores de Nelore), Silvio Marques Junior (Sociedade Goiana de Nelore), Gilberto Porcel (Associação dos Criadores de Nelore do Mato Grosso) e Frederico Guimarães (ACNB).

Crise também significa oportunidade e nestes tempos de vaca louca e aftosa na Europa, nada melhor do que difundir no Brasil e em todo o mundo o potencial da raça nelore de produzir uma carne sadia, saborosa e de menor custo de produção.

Esse trabalho começou a ser feito pela Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, que reuniu em

março, em São Paulo, quinze cooligadas para o 1º Encontro Nacional das Associações de Nelore, onde foi apresentado o Programa da Carne Nelore. "Nossa campanha atingirá desde o produtor até a dona de casa", explica Carlos Viacava, presidente da entidade.

O Programa pretende promover o boi de capim, padronizar as carcaças

BOI GORDO

	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
JAN	19,78	21,84	23,59	25,69	30,72	21,56	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98
FEV	18,05	19,04	22,06	27,10	29,77	22,43	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00
MAR	19,48	17,81	22,15	27,19	26,99	21,81	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15
ABR	17,81	21,86	23,96	24,18	25,89	22,22	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40
MAI	17,59	19,11	21,66	20,84	23,98	21,11	23,41	23,08	18,12	20,48	
JUN	19,46	18,06	20,84	24,78	23,00	21,51	24,20	23,38	17,28	21,56	
JUL	22,76	18,87	23,94	25,16	26,91	23,84	24,99	23,68	18,60	21,96	
AGO	25,03	22,52	29,05	26,67	25,48	23,69	24,37	23,90	17,53	23,21	
SET	25,42	23,99	28,08	28,85	25,19	24,05	24,23	25,40	18,70	21,20	
OUT	30,77	23,64	27,81	37,82	26,06	24,40	25,45	23,56	20,31	23,16	
NOV	24,33	21,67	26,36	37,95	25,96	22,33	24,38	24,30	21,76	21,56	
DEZ	20,84	23,04	28,86	33,21	21,69	22,65	25,13	23,64	22,59	20,88	

Nota: Os preços, tirados da média ponderada do câmbio oficial, são os pagos pelos frigoríficos no prazo de 20 dias.



COBERTURA

Fazenda Rio Vermelho estréia nos dias de campo

Não poderia ser melhor o primeiro dia de campo da Fazenda da Rio Vermelho, do Grupo Quagliato: 1.200 pessoas presentes. Teve palestras e vendas de touros certificados.



Pela primeira vez em seus 28 anos de existência, a Fazenda Rio Vermelho, município de Sapucaia, sul do Pará, abriu suas portas para um dia de campo com 1.200 pessoas. Foi um dos maiores eventos do gênero já realizados no Estado e os organizadores pensam repeti-lo todos os anos.

A Fazenda Rio Vermelho faz parte do vasto empreendimento pecuário dos irmãos Fernando, Luizito, Francisco e Roque Quagliato, que ocupa 85 mil ha de pastagens no solo amazônico. Com 150 mil cabeças, é o número um do país.

Bandeiras - O evento, dia 21 de abril, reuniu criadores, empresários, secretários da Agricultura, lideranças da região, como a do vice-governador Hildegardo Nunes. Junto com o hino

nacional, foram hasteadas as bandeiras do Brasil, Pará, Sapucaia, São Paulo e do Grupo Quagliato.

Em seu discurso, Roque Quagliato agradeceu a presença de todos e os "quase 200 mm de chuva que haviam caído na semana", relatando em seguida como foi a implantação do projeto. "Não tínhamos estradas, frigoríficos, energia elétrica, mas a vontade de realizá-lo era maior do que os obstáculos".

Currallama - A montagem das instalações do dia de campo foi uma corrida contra o tempo. Em apenas noventa dias foram construídos um galpão de 600 m², a terraplenagem e a curralama dos touros nelore certificados do Grupo Quagliato colocados à venda no evento. Os duzentos touros saíram por um preço médio de R\$ 1.700,00.

O galpão, réplica perfeita dos celei-

ros norte-americanos, passou a ser cartão postal da Rio Vermelho. Todo de jatobá, exceto os pés das colunas, que são de aroeira, com banheiros, escritórios e piso de concreto, o galpão quando não estiver sendo usado nos futuros dias de campo servirá para guardar tratores e implementos.

Palestras - Foi lá que realizaram-se as três palestras do evento, que teve a presença da equipe da Tortuga e de outras empresas. Após o cadastramento, cada participante recebeu seu crachá e um kit com camisetas, bonés, chaveiros e outros brindes.

A primeira palestra, Eficiência Reprodutiva e Funcional, foi proferida pelo agrônomo e criador Ubaldo Olea, membro do quadro de jurados da ABCZ. Sua palestra foi fundamentada nas pesquisas do famoso geneticista sul-africano Jan Bonsma, formador da raça Bosmara, segundo o qual "tudo



Hasteamento e hino nacional na abertura



Roque Quagliato relatou a história do projeto

que acontece por dentro de uma vaca, também acontece por fora”.

Paleta - Através de fotos, Ubaldo Olea mostrou os treze pontos (cupim, cabeça, mandíbula, paleta, etc) que, devidamente observados através de técnica específica, revelam tudo que aconteceu na vida de um animal. Por exemplo, os anéis dos chifres indicam o número de partos, stress e idade da primeira cria de uma vaca.

Um dos raros experts desse assunto, Ubaldo Olea já analisou 170 mil vacas em vinte anos de estudos. Narrando que um animal é fruto do genótipo+meio-ambiente, ele brincou com a platéia, observando que “o peão tem melhor olho que os criadores, que me perdoem os criadores”.

Saga - A segunda palestra foi de Roque Quagliato, que narrou a história da família na agropecuária, uma saga que começou em 1939, quando seu pai Orlando, comprou a primeira boiada. Roque fez uma confissão de fé no Pará, afirmando “que será o maior polo da pecuária de corte do Brasil”.

Em seguida ele passou a palavra para Luis Roberto Azevedo Hernandez, zootecnista pela Unesp, “braço direito e esquerdo” de Roque na administração. Luiz Roberto (Beto) focou sua palestra na inseminação artificial praticada nas oito fazendas do grupo, no Pará.

Rodeio - Salientando que “nos pastos não fica uma vaca vazia de um ano para outro, pois todas são engravidadas e abatidas”, Beto informou que existem lá 30 mil vacas em rodeio de inseminação, com índice de natalidade de 85,6%. Para chegar a essa eficiência, ele disse que é fundamental “uma equipe treinada, tropa boa, rebanho sadio, sêmen de qualidade e melhor época do cio”.

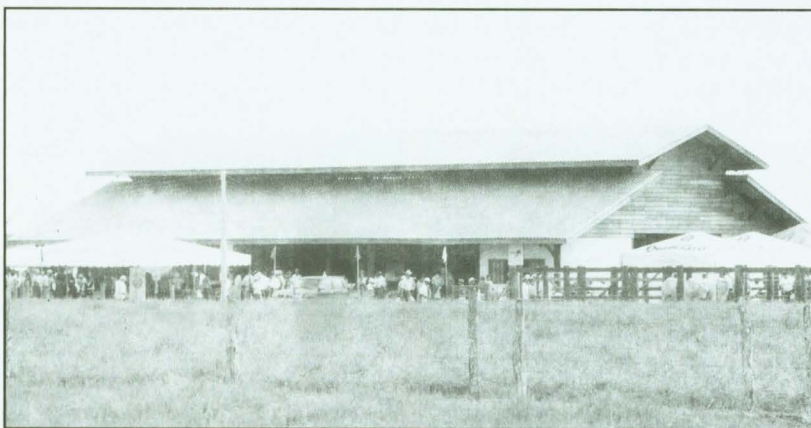
A última palestra foi de Alessandro de Caprio, do Núcleo de Zootecnia, responsável pelo Programa de Avaliação e Identificação de Novos Touros (Paint) implantado pelos Irmãos Quagliato no Pará. Ele afirmou que “dos 40 mil bezerros avaliados pelo Paint em trinta fazendas de todo país, o primeiro e segundo lugar foram conquistados por animais da Rio Vermelho, não por sorte, mas como resultado de um excelente trabalho operacional”.



Touros controlados foram vendidos por uma média de R\$ 1.700,00



A Tortuga esteve presente com uma equipe técnica de vinte pessoas



As palestras e almoço foram no galpão de estilo norte-americano



A idéia é a de promover dias-de-campo semelhantes todos os anos

Os segredos de produzir 15 mil litros por dia

Dizendo que a "consolidação do nosso negócio foi feita em cima de nossos erros" o mineiro Antonio Carlos Pereira tem idéias muito práticas sobre pecuária leiteira. Seguindo-as à risca tornou-se um dos maiores produtores do país.



Antonio Carlos, o filho Leo e o neto Leonardo: sucessão planejada

As fazendas de leite podem ter algumas semelhanças, mas nunca são exatamente iguais. Cada uma tem sua própria característica, fruto do jeito de ser do proprietário. No caso de Antonio Carlos Pereira, produtor há 40 anos, duas frases suas sintetizam seu estilo de administração. Primeira: "o leite não suporta vaidade". Segunda: "o leite exige escala de produção, qualidade e economia".

Seguindo ao pé-da-letra sua filosofia, ele prosperou muito. Começou com apenas 36 litros/dia numa modesta propriedade de 64 ha e hoje produz 15 mil litros em fazendas que somam 1.400 ha, todas situadas em Carmo do Rio Claro, sendo 470 ha destinados ao leite.

Tropical - Antonio Carlos, mineiro

"A vantagem do leite é que ele tem que ser vendido todo dia e tem gente que precisa comprá-lo todo dia"

"Não adianta animais, comida e manejo, se não tiver bom controle zootécnico e econômico"

de Guapé, 64 anos, define-se como um produtor tropical de leite. "Não conseguiríamos tirar o volume que tiramos se não fosse a silagem de milho e de napier", observa. Dessa forma, 60% do que suas vacas comem por dia é volumoso e 40% concentrado.

Um dos maiores produtores de leite B do Brasil, ele está sempre de olho na rentabilidade e, por isso, deixou de lado a opção de explorar as vacas até o limite máximo de produção. Seu rebanho tem produção menor, mas também o custo é menor. Mesmo assim, as vacas em lactação produzem a excelente média de 22 kg/cabeça/dia.

Mananciais - Sempre com uma frase de efeito na ponta da língua e observando que "se o leite fosse ruim, já tinha quebrado", Antonio Carlos não vive somente

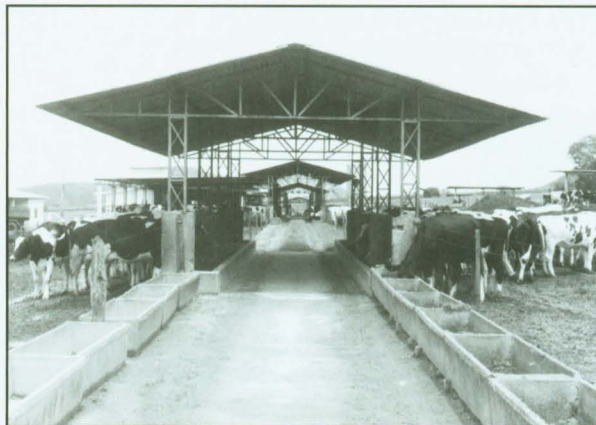
dessa atividade, embora ela seja a mais importante e a mais tradicional de todas. Suas fazendas são bastante diversificadas.

Outras explorações são a afeicultura, pecuária de corte (raça nelore), feijão sequeiro, em rotação com milho para silagem, e piscicultura. Os peixes, tratados com as sobras dos cochos e vendidos com facilidade para pescueiros, são criados em vários açúdes, alimentados pelos abundantes mananciais de água que existem lá.

Cachaça - Salientando que "produzo um pouco de cada coisa para servir a todos, como um botequim de esquina", ele é também um fabricante de pinga.

O alambique, montado numa das fazendas, destila 10 mil litros de cachaça por mês a partir de cana própria. A procura no mercado é muito grande. "Não pode ser um negócio ruim a bebida que esquenta no frio e esfria no calor", brinca.

Criador de 1.600 animais de leite e 900 de corte e salientando que a "consolidação do nosso negócio foi feita em cima de nossos erros", Antonio Carlos formou uma equipe de primeira para ajudá-lo na administração das fazendas.



Cada fazenda é uma unidade independente



As vacas produzem de 7.000 kg/ano numa lactação de 321 dias

São os filhos Leopoldo (agrônomo), Henrique (técnico agrícola), Carlos Augusto (agrônomo) e o genro Rômulo, que cuida do departamento pessoal. A assistência veterinária é do doutor Regis José de Carvalho. As fazendas contam ainda com funcionários "muito dedicados" e com muitos anos de casa.

Anotações - Comentando que fazendas de leite não vão para frente porque não adotam controle zootécnico, Antonio Carlos, mesmo sem formação acadêmica, soube reconhecer a importância dessas anotações.

Assim também pensa seu filho "Leo" (Leopoldo Antonio Pereira, 39 anos), agrônomo pela Universidade Federal de Lavras, ex-Esal. "O controle zootécnico é a ferramenta que ajuda o criador a tomar decisões corretas". Ele tem um exemplo muito claro disso. "As anotações mostraram uma incidência de 4% de mortes no rebanho por causa da clostridiose, o que me levou a mudar o sistema de vacinação e reduzir a zero a mortalidade".

Minucioso - Ele implantou um minucioso e eficiente programa de controle não apenas zootécnico, mas também sanitário e econômico, resultado de uma pesquisa que fez em softwares existentes sobre o assunto. A principal característica do programa é a facilidade de interpretação dos dados. Qualquer informação que precisa do rebanho, basta abrir os relatórios.

Números não faltam: 12,86 meses de intervalo entre-partos; mortalidade

geral de 4% e de 3% dos bezerras; idade média da primeira cobertura aos 17 meses com 350 kg e do primeiro parto aos 26 meses; 83% das vacas em lactação; descarte 19,8%; partos gemelares 4,73% e partos tracionados 7,83%.

"Vaca de capim é uma e de alfafa é outra. Tem que haver diferenças entre elas no sistema de criação"



"Temos preços diferenciados porque temos escala de produção e qualidade; é por esses motivos que estou até hoje na atividade"

Longevidade - Dizendo que "tenho orgulho das minhas vacas velhas, pois são vacas que conseguem ter longevidade e ficar dentro dos padrões da fazenda", Leo mostra mais números: 90,4% de taxa de natalidade; 2% de vacas com problemas reprodutivos; 3% de mastite clínica; 2% de problemas de casco e 2,3 doses de sêmen por prenhez positiva. A CCS, feita a cada dois meses, é de 480 mil.

O rebanho de vacas em lactação, mantido confinado, é composto por 700 vacas. É um rebanho em que predomina o sangue jovem:

60% são de até terceira cria, 30% de quarta a sexta e apenas 10% acima de seis crias. A genética é americana, mas a holandesa está começando a entrar "porque as vacas são mais rústicas e longevas", conforme Leo observou em visita feita recentemente na Holanda.

Lotes - Ele dividiu as vacas em lactação em três lotes, existindo mais um de vacas secas. Dessa forma, tornou-se necessário formular quatro tipos de dietas, fornecidas dentro do sistema TMR, compostas por silagem de milho, silagem de napier, caroço de algodão, polpa cítrica, farelo de soja e silagem de milho úmido a partir deste ano.

Nas rações entram ainda minerais Bovigold, Bovipart e Pre-parto, da Tortuga. "A empresa encaixou-se direitinho na nossa fazenda, tendo uma linha de produtos muito boa", admite Leo. Narrando que houve sensível melhoria no rebanho após a introdução dos minerais, ele afirma que "o importante é o custo-benefício e isso a Tortuga controla bem".

Vinhoto - Produzindo por ano 9 mil toneladas de silagem de milho e 8 mil de napier, Leo mistura na silagem de capim 5% de ponta de cana e resíduos da destilação (oriundas da produção de cachaça) para ativar a fermentação e a palatabilidade.

Além de entrarem na ração mista total (TMR), a silagem de capim é dada também para as vacas secas e a de milho para as vacas de alta produção.

Junto a tudo isso, a família Pereira adiciona também um ingrediente muito importante e que não pode faltar na atividade leiteira: trabalho, muito trabalho!



Silagem de milho e napier chega a 17 mil ton/ano

Produtos afinados com as tendências do mercado

Os minerais orgânicos melhoraram a qualidade da carcaça e tornaram os ovos mais resistentes.



Os carboquelatos promovem empenamento uniforme das aves

A utilização dos minerais orgânicos (carboquelatos) nos produtos de nutrição avícola é uma realidade dinâmica no que diz respeito a resultados e casamento com as tendências de mercado. Tais características fazem com que o interesse por essa tecnologia dominada pela Tortuga cresça a cada dia, conquistando cada vez mais produtores, sejam eles grandes ou pequenos, produtores de ovos ou de frango, ou ainda matrizeiros.

A conscientização do mercado interno em relação às exigências para se exportar produtos, assim como a preocupação em produzir alimentos mais saudáveis e com a maior produtividade possível para atender a própria demanda, vêm contribuindo sobremaneira para o crescimento da área de nutrição avícola da Tortuga.

Afinada - A linha de produtos, que tem como característica predominante a utilização dos minerais quelatados, é perfeitamente afinada com as regras de comércio exterior, no que diz respeito à utilização ou não de medicamentos e ou à melhoria da qualidade visual e nutricional dos produtos obtidos (carne e ovos).

Além das tendências de mercado, outro fator chave do crescimento da Tortuga na avicultura, são os resultados obtidos a campo pelos clientes que utilizam os carboquelatos. Esses resultados vêm demonstrando uma padronização e uma diferenciação dos produtos no que diz respeito a aumento de produtividade e diminuição de perdas na produção, resultados do alto padrão de qualidade das aves e ovos.

Trincados - A obtenção de excelentes resultados, como melhoria da qualidade de carcaça em frangos, devido a um empenamento uniforme e a uma conversão alimentar de alta rentabilidade, ou a diminuição de perdas com ovos trincados e quebrados devido à melhora da qualidade de casca, de película interna e de densidade específica, vem reproduzindo os resultados obtidos em nossa granja experimental, criada para fazer pesquisas e aperfeiçoar os produtos avícolas.

A equiparação destes resultados nos dá a certeza de estarmos no caminho certo para a manutenção da afinidade com os anseios do produtor, que é o custo / benefício altamente

convidativos. É nesse sentido que a Tortuga continua trabalhando para os avicultores e no início deste ano lançou a linha de premix vitamínicos com Selênio Orgânico, melhorando ainda mais a ação das vitaminas nas rações de frangos, poedeiras, codornas e matrizes.

Microave - A linha Poliave com Selênio Orgânico vem potencializar a ação de todos os minerais orgânicos contidos no já conhecido Microave, fazendo assim com que haja uma melhora acentuada das condições de digestibilidade das aves e uma consequente otimização do aproveitamento dos nutrientes, contribuindo para a melhoria do sistema imunológico e para a diminuição dos problemas decorrentes de má absorção de nutrientes ou de quedas de resistência provocadas por qualquer tipo de stress.

As boas notícias não param por aí! As pesquisas na granja experimental estão sendo tocadas a todo vapor pela equipe do dr Seitiro Nakada, com colaboração de professores das mais renomadas universidades do país. É a certeza da continuidade do trabalho que coloca a Tortuga entre as maiores empresas do mercado de nutrição animal, mantendo-se sempre atualizada e com resultados sempre convidativos.

Parceria - É dessa forma que continuamos trabalhando, buscando cada vez mais uma parceria com o produtor e a manutenção constante daquilo que se tornou a marca registrada Tortuga desde a sua fundação: qualidade, custo/benefício e satisfação do cliente.

A tradição de pionerismos da empresa na avicultura está mais viva do que nunca.

Rodrigo S. Miguel, médico veterinário do Departamento de Avicultura da Tortuga

Como medir solos compactados



A compactação excessiva dos solos é uma das responsáveis pela queda da produtividade das pastagens. Num solo com essa característica, as raízes das gramíneas tornam-se superficiais e não conseguem atingir as camadas mais profundas do terreno para abastecerem-se de nutrientes e água.

Existe um aparelho que pode auxiliar os criadores a resolverem esse grave problema. É o penetrômetro, muito fácil de operar, leve, e que mede com precisão os solos duros, compactados. A maior vantagem do uso do aparelho é de ordem econômica.

“O penetrômetro ajuda a reduzir os

custos operacionais na formação de uma pastagem, pois muitas vezes as operações de subsolagem são feitas sem nenhuma necessidade”, explica Marcos Milan, professor do Departamento de Engenharia Rural da Escola Superior de Agricultura, de Piracicaba.

Feito de metal, cerca de 1 metro de altura, o penetrômetro é composto por uma haste, a qual deve ser fincada no terreno até a profundidade em que é possível sentir a resistência à penetração. A leitura é feita num manômetro instalado na barra que serve para o operador segurar o aparelho.

O modelo da foto, usado pelo professor Marcos Milan em suas pesquisas, é estrangeiro e custa perto de R\$ 400,00. No mercado brasileiro existem produtos similares.



Prof. Milan mostra o manômetro de leitura dos dados

SAÚDE

O gado “pede” vitamina na seca

A seca apresenta características que influenciam fortemente todo o sistema de produção extensiva de bovinos. A principal é a degradação das pastagens, que ficam mais duras, menos palatáveis, com maior teor de lignina, baixos níveis de proteínas, de vitaminas e de minerais, sobretudo o fósforo.

É possível notar nos animais submetidos à esse tipo de alimentação um conjunto de sinais e sintomas convencionalmente chamados de síndrome da seca. Há perda de peso, queda da imunidade, baixa fertilidade, crias mais fracas e atraso no desenvolvimento, entre outras mazelas.

Também nessa época os animais estão mais sujeitos à ação deletéria dos parasitas, principalmente dos vermes que, como é sabido, apresentam-se em maior quantidade nos períodos secos do ano.

Uma correta suplementação protéico-mineral, baseada em formu-

lações cientificamente elaboradas, nas quais destacam-se os complexos minerais em moléculas orgânicas, ao lado de um sistemático combate aos parasitas, constitui-se uma prática de manejo que, não só minimiza os efeitos indesejáveis do período, como também permite alcançar expressivos resultados nos índices zootécnicos, tais como maior fertilidade, crias mais saudáveis, maior peso à desmama, maior ganho de peso e conseqüente redução da idade de abate.

A administração injetável de vitaminas ADE tem sido sugerida por vasta literatura, como forma de atender às necessidades dos animais em situações de pastagens secas ou quando submetidos ao arraçoamento com forragens pré-secadas ou conservadas.

*Paulo Cesar Macedo Martins
Médico veterinário da Tortuga,
filial de Belo Horizonte*

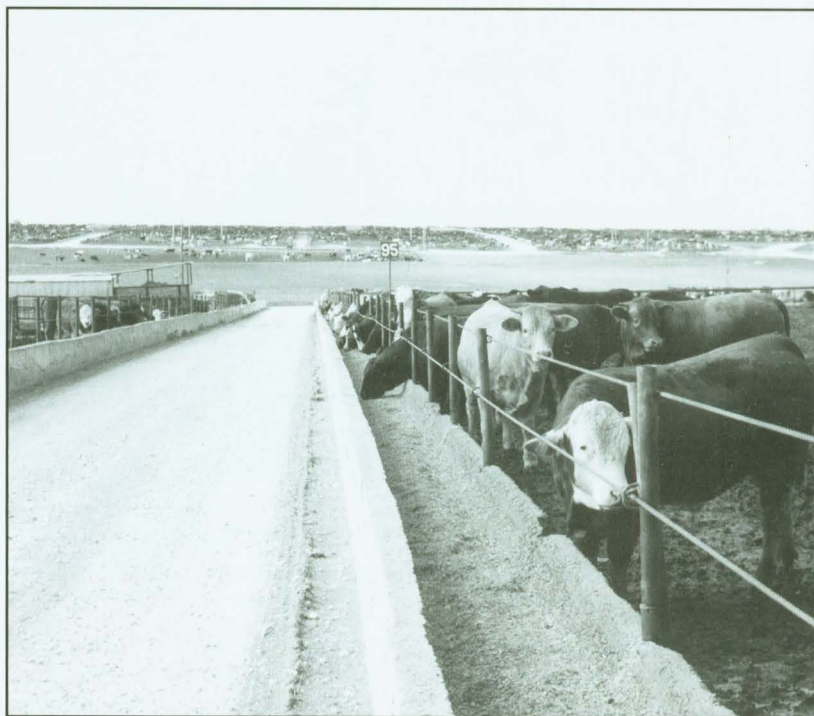


**Função
de cada
vitamina**

Para “vitaminizar” o gado na seca a Tortuga desenvolveu o Adethor, que contém alta concentração das vitaminas A,D,E, onde a A estimula o crescimento e a fertilidade; a D tem importância vital na formação do esqueleto; a E age como protetora da A e sua carência provoca distúrbios glandulares, musculares e nervosos. Elas são levadas pelo sangue ao fígado, onde ficam armazenadas durante um bom tempo, sendo liberadas de acordo com as necessidades dos bovinos.

Preço da arroba nos Estados Unidos: R\$ 120,00 !

Os contrastes entre a pecuária brasileira e americana são muitos.



O maior confinador americano é dono de 700 mil cabeças

Produzir carne para o mercado praticamente é a única coisa em comum entre a pecuária de corte dos Estados Unidos e do Brasil. Nos demais intens, as diferenças entre elas são enormes, a começar pelos preços.

Convertido para o padrão monetário brasileiro, o preço da arroba do boi gordo no mercado americano equivale a aproximadamente R\$ 120,00, ou US\$ 52,00.

Verde - Cerca de 85% da carne consumida pela população vem dos feed-lots, como lá são chamados os confinamentos. Como se vê não existe o boi verde nos EUA.

Os 15% restantes procedem de fêmeas e machos de descarte de fazendas de criação. Estas são muito pequenas e a maior parte não passa de 50 cabeças por criador. A maior do país possui perto de 15 mil animais.

Gigantes - Os confinamentos, que pagam aos criadores US\$ 525 por um garrote de 230 kg, têm uma média de 5 mil cabeças. Há também os mega confinamentos, que chegam a fechar

100 mil e até mais. A ração varia de acordo com os preços das matérias-primas, mas normalmente é composta por milho, milheto, soja, sorgo e resíduos industriais.

O maior confinador dos EUA e do mundo é W. Donnel, com 700 mil cabeças distribuídas por 15 fazendas. Seu maior confinamento (115 mil bovinos) fica em Abilene, no Texas.

Nos Estados Unidos não existem braquiária, colonião, napier e outros capins tropicais. Os mais usados são de nomes desconhecidos por aqui, como clover, orchard, bron, fescue, ou pastos nativos. Mas lá também tem a alfafa, tifton, azevém.

Raças - Com rebanho bovino de corte de 102 milhões de cabeças, o país usa para produção de carne principalmente as raças hereford e angus. A aftosa e a brucelose foram erradicadas há muito tempo. Berne não tem, mas carrapato e vermes são como aqui.

Duas doenças preocupam os criadores americanos: tuberculose,

nos estados que fazem fronteira com México, e anaplasmose, nas regiões de clima mais quente, como o Texas. Em relação à carne industrializada vendida no mercado interno, a atenção da saúde pública se concentra na salmonela e scherichia coli.

Os americanos conhecem o grande potencial de exportação da carne bovina brasileira e sua principal vantagem competitiva, que é o menor custo de produção. Todavia, recomendam a implantação de um programa de qualidade e rastreabilidade para que a carne seja colocada com mais facilidade no mercado externo.

Visita - Essas informações foram passadas ao Noticiário Tortuga por criadores, professores e técnicos americanos que visitaram em fevereiro a fábrica de minerais da Tortuga, em Mairinque. Eles integravam uma missão comercial do estado de Ohio que veio ao Brasil para negociar a importação e exportação de produtos agrícolas.

Participou também do grupo o criador Romão Flor, que depois levou os americanos para conhecer como produz boi verde na sua Fazenda Rio Preto, situada em São Félix do Araguaia, MT. "Em boi de pasto, celulose para papel e álcool de cana ninguém no mundo concorre com o Brasil", afirma ele.

Exemplos - Homem de fala mansa, denotando sua origem mineira, Romão Flor é um típico empreendedor. "Comecei minha vida como roceiro e a única coisa que meu pai e minha mãe deixaram foram os bons exemplos".

Em 1970 ele mudou-se de Patos de Minas para Goiás para alugar terras e comprar bezerros. Hoje é um dos maiores pecuaristas do país, possuindo cerca de 80 mil cabeças aneladas em sociedade com seu irmão Sebastião Flor. Suas fazendas de Goiás e Mato Grosso perfazem 150



Depois da fabrica, os americanos foram ao Mato Grosso ver o boi verde

mil ha, sendo 70 mil formados com braquiarião e um pouco de tanzânia.

Abate - Simplicidade em pessoa, Romão Flor abate bois aos três anos, com a média de 19 a 20 arrobas. Mas quer diminuir a idade para 2,5 anos. Se forem de cria própria a meta para o

abate é aos 2 anos. Suas vacas parem todo ano. Na sua opinião, "não se conserta fácil uma vaca ruim, mas por outro lado elas têm mais onde mexer do que o boi".

Na sua opinião o Brasil, para melhorar, precisa melhorar também a

distribuição de renda. "O salário mínimo deve ser aumentado para R\$ 300,00, mas o aumento não pode ser repassado para quem ganha bem, tem que ser desindexado". Ele fala e pratica suas idéias: seus 120 empregados ganham mais do que R\$ 300,00.

Reforma - Observando que "os criadores precisam de todos segmentos, mas principalmente dos consumidores", Romão Flor considera que a reforma tributária é uma das mais urgentes no país. "Tem que diminuir o número e o valor dos impostos, pois os 26 estados brasileiros viraram 26 países e isso é muito horrível para nós". Cliente da Tortuga há vinte anos e afirmando que "não tem no mercado um sal melhor do que o Fosbovi 20", Romão Flor, 62 anos, afirma que nunca vai parar e que não marca onde pretende chegar. Também não enjeita trabalho. "Tendo preço bom, carregou até esterco".

OPINIÃO

O mundo quer muito mais

A pecuária do Brasil acaba de conquistar um título de repercussão mundial sob o ponto de vista sanitário e econômico. O Comitê de Monitoramento Científico da União Européia declarou que é "altamente improvável" que a carne bovina brasileira esteja contaminada com a doença da vaca louca.

O Comitê elevou o Brasil ao nível 1, o mais alto que um país pode atingir nessa área. Somente mais doze países do mundo atingiram: Austrália, Nova Zelândia, Chile, Uruguai, Paraguai e outros de menor expressão na pecuária. O restante obteve níveis 2, 3 e 4. O Canadá e EUA, que boicotaram nossa carne meses atrás, pegaram nível 2.

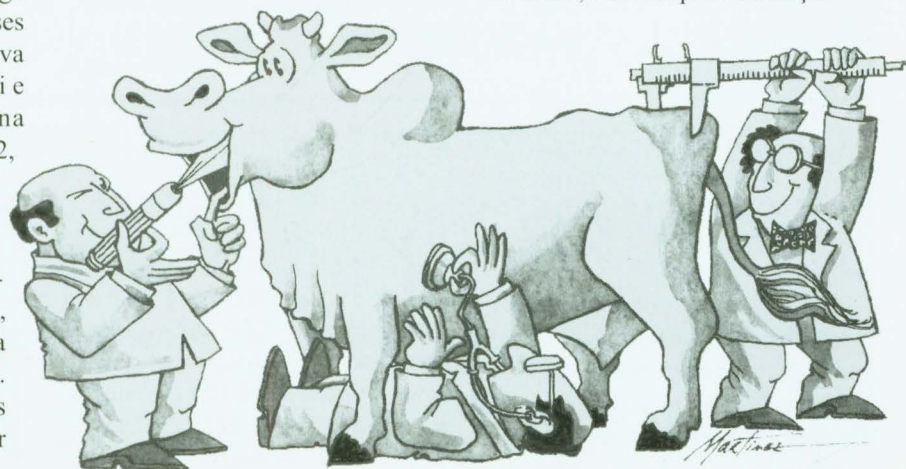
Parabéns criadores, peões, técnicos, pela histórica conquista, talvez a mais importante de toda existência da pecuária brasileira. Mas não devemos dormir sob os louros da vitória. O mundo quer muito mais.

Ontem o consumidor exigia uma carne macia e saborosa. Hoje ele quer segurança alimentar. Amanhã exigirá, além de tudo isso, que a carne seja oriunda de um processo que engloba rastreabilidade, genética, conforto animal e meio ambiente.

Devemos nos preparar para atender essa nova demanda da sociedade, caso queiramos consolidar nossa posição

no mercado internacional da carne bovina. Albert Einstein "não pensava no futuro porque ele chega logo". Portanto, mãos à obra.

O Brasil tem a matéria-prima básica desse novo cenário, o boi verde, que vive com todo conforto nas pastagens e em perfeita sintonia com o meio-ambiente. Melhorando a genética e implantando a rastreabilidade, é correr para o abraço.



O mercado externo descobriu a carne brasileira

Depois de muitos anos de instabilidade, a suinocultura está dando sinais de um crescimento consistente. Isto não é fruto do acaso. Apesar de todas as dificuldades, os criadores brasileiros sempre acreditaram na atividade, fizeram investimentos de toda ordem e isto pode ser medido através dos números.

Em 1990 a produção de carne suína atingiu 1 milhão de toneladas e dez anos depois a produção alcança quase 2 milhões de toneladas. O consumo, que era de 7 kg per capita/ano, passou para 11 kg. Em 1990 o Brasil exportou 13 mil toneladas e no passado 120 mil.

Demanda - Enquanto o PIB brasileiro promete crescer uns 4% neste ano, o da suinocultura deverá evoluir para 6 a 7%, o que representa em torno de 120 mil t de carcaça. Para absorver este acréscimo o setor acredita na continuação da demanda interna.

Os mais otimistas imaginam que podemos ter no final do ano um aumento consumo, passando para 12 kg/habitante. Como isto deverá acontecer de forma progressiva, é bastante possível que o mercado interno consiga absorver de 70 a 80

mil toneladas deste acréscimo de produção.

Países - Por outro lado, finalmente a carne suína brasileira está sendo descoberta pelo mercado externo. Até 1999 exportávamos basicamente para três países: Hong Kong, Argentina e Uruguai.

A partir do ano passado, a Rússia, o segundo maior importador de carne suína do mundo, com 400 mil toneladas, fez os primeiros negócios no segundo semestre e já tornou-se nosso principal comprador, conforme pode ser visto nos quadros da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína.

Percepção - Segundo a entidade, em 2001 o Brasil deverá exportar 160 mil t e contribuir com a melhora da balança comercial em US\$ 250 milhões. Existe uma nítida percepção no mercado que a suinocultura brasileira de agora em diante vai ampliar definitivamente seu leque de importadores, inclusive para a Europa.

Diversas missões já visitaram nosso sistema de produção, inclusive o embaixador da Ucrânia que,

segundo o presidente da ABCS, José Adão Braun, elogiou muito o que viu. Só falta concretizar a formalização de um convênio sanitário entre o Brasil e a Ucrânia para o início das exportações.

Japão - Na medida em que o Brasil não tem "vacina louca", peste suína e aftosa nas regiões produtoras, os mercados exigentes da Europa e da Ásia deverão render-se a boa qualidade de nossa carne. No mercado externo, o grande objetivo é participar nas vendas para o Japão, que importa anualmente 800 mil t.

A Europa tem 36 suínos por km² e precisa de US\$ 1,20 por kg. No Brasil temos 4 suínos por km² e um bom produtor consegue ganhar dinheiro quando vende sua produção a US\$ 0,65/kg. Além disso, podemos atender nossos clientes externos com carne produzida sem alimentos transgênicos e em condições ambientais melhores para o homem e o animal.

Laurindo A. Hackenhaar
Engenheiro agrônomo da Tortuga

Nota da redação: Este artigo foi escrito antes do surto (focos) de aftosa no Rio Grande do Sul.

QUADRO I - EMBARQUE FEV/ 2001 - PRINCIPAIS DESTINOS

Destino	Volume kg	Valor US\$	Preço médio US\$
Argentina	2.584.038	4.051.829	1,568
Hong Kong	3.427.232	3.832.430	1,118
Uruguai	521.726	765.007	1,466
Rússia	4.500.000	5.123.131	1,272

QUADRO II - EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE SUÍNOS

	Kg líquido		US\$		
	2001	2000	2001	2000	%
Janeiro	12.143.742	6.072.375	16.971.328	8.224.661	+106,35
Fevereiro	12.647.705	7.070.818	16.823.200	9.654.506	+74,25
Total	24.791.447	13.143.223	33.794.528	17.879.167	+89,02

Fonte: ABIPECS